

**ANDAKATU:
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL INTERATIVA**

**ANDAKATU:
HERITAGE EDUCATION INTERACTIVE**

Carlos Paulo dos Passos Matias¹

Luiz Miguel Oosterbeek²

Pedro Cura³

Josiel dos Santos⁴

Marcos César Pereira Santos⁵

Juliano Bitencourt Campos⁶

Resumo

Neste trabalho buscar-se-á dar visibilidade ao Projeto Andakatu – este, uma iniciativa do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação – demonstrando como este projeto se faz uma eficiente ferramenta entre as crianças e o público adulto; busca-se demonstrar que é possível tornar o estudo de temas escolares numa prática que seja mais interativa e prazerosa. Refletindo com a arte expõe-se também uma discussão, que passa não só pela metodologia pedagógica usada pelo Projeto Andakatu, mas também pelo currículo escolar e pelo entusiasmo do estudante perante os estudos. Sempre buscando refletir sobre os acertos e as críticas, que são cabíveis à educação formal e ao método usado na maioria das escolas de ensino primário, conclui-se que através do Andakatu a pré-história está mais perto de nosso tempo (vida de estudante) do que nunca.

Palavras-chave: Pré-História, Andakatu, educação patrimonial.

Abstract

¹ Doutorando em Quaternário, Materiais e Cultura, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Mação, Portugal. Historiador do Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

² Professor coordenador do Instituto Politécnico de Tomar, Grupo “Quaternário e Pré-História” de Centro de Geociências (uID73 F.C.T.) Diretor do Instituto Terra e Memória ITM/Portugal.

³ Instituto Terra e Memória ITM/Portugal.

⁴ Graduando do curso de História Licenciatura e Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

⁵ Mestre em Arqueologia Pré-histórica e Arte Rupestre, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Instituto Politécnico de Tomar-Portugal. Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma, SC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

⁶ Doutorando em Quaternário, Materiais e Cultura, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Mação, Portugal. Professor do Curso de História da Unesc na disciplina de Ensino e Pesquisa em Arqueologia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada de Território. Coordenador do Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

In this paper, one will seek to give visibility to the project Andakatu, an initiative of the Mação Prehistoric Art Museum - demonstrating how this project is an efficient tool between the children and the adult audience. The point is to display that it is possible to make the study of school subjects in a practice that is more interactive and enjoyable. Thinking with art is also an argument that goes not only for pedagogical methodology used by the Andakatu Project, but also through the school curriculum and the student's enthusiasm towards studies. Always seeking to reflect on the successes and criticisms, which are applicable to formal education and the method used in most primary schools, it is concluded that through the Andakatu project, Prehistory is closer to our time (student life) than ever.

Keywords: Prehistory, Andakatu, heritage education.

INTRODUÇÃO

Politizar a sociedade, tendo como matéria-prima as crianças é de suma importância para se obter resultados duradouros e concretos. Para a atividade política colocam-se duas tarefas: 1) obter um consenso da sociedade civil, pela organização e mobilização em torno de direção a serem adotadas pela sociedade; 2) transformar o resultado deste consenso em poder de direção hegemônica na “sociedade política”, através da qual se transformará em direção dominante, amparada nos seus instrumentos de coerção legal. (MAAR, 1994, p. 63)

Quando se pensa o ensino de arte ou do valor artístico – patrimônio cultural – sabe-se que tem um papel fundamental na escolarização e na vida dos estudantes. Fazendo o aluno compreender a importância da preservação, a importância de se conhecer a história do patrimônio ou do objeto encontrado em sua comunidade, além dos benefícios científicos, tem-se também a inserção social do indivíduo, já que “valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence” (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 15).

A educação patrimonial leva o aluno a refletir, a descobrir e a conhecer coisas com as quais ele talvez não tenha a oportunidade de estabelecer uma relação no seu cotidiano. Por meio da interação do pesquisador com as escolas, tendo um mínimo contato com a herança artística deixada por diferentes povos, o educando tem a oportunidade de estabelecer uma relação com organizações sociais que aconteceram em diferentes tempos e espaços. A interação com os objetos, com a arte em suas múltiplas linguagens, possibilita que se estabeleça uma comunicação com outras gerações, desenvolvendo no educando o contato com culturas diversas, bem como o respeito por elas.

“Os educadores, empenhados em uma ação escolar de arte transformadora e de bases artísticas contemporânea, procuram conduzir os educandos rumo ao **fazer** e ao **entender** as diversas modalidades de arte e a **história cultural** das mesmas” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 142). O contato com a diversidade cultural através da cultura material e a reflexão a respeito das influências de cada cultura na sociedade contemporânea na qual estão inseridos, traz significado ao conteúdo proposto pelo pesquisador, quando este vai até a escola proporcionar reciprocamente o debate.

Ensinar supõe escolher, questionar, desenvolver, segundo critérios de seleção de conteúdos e de práticas pedagógicas. Esse processo repousa sobre uma concepção mais seletiva e normativa da cultura e, portanto, em uma visão mais universal, mas precisa, ao mesmo tempo, considerar, reconhecer e respeitar as diferenças. [...] Os educadores devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus alunos em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. Este último aspecto não deve ser descuidado, uma vez que a escola, como instituição formal, deve também desenvolver capacidades específicas, voltadas para a atuação na sociedade em que o estudante está, vive e à qual pertence (RICHTER, 2004, p. 153).

Por meio do conhecimento compartilhado durante as aulas, o professor tem, então, um papel fundamental na construção da identidade dele próprio e do seu aluno, é ele quem vai estimular o educando no seu fazer, sem estabelecer limites ou censuras que acabem podando a imaginação, criatividade, reflexão, expressão e coragem de vencer seus próprios obstáculos.

“Um professor não é competente porque dá uma boa aula. Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significado ao que ensina” (OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2005, p. 66).

Não vejo nenhuma necessidade de defender tudo o que é feito em nome dos estudos culturais, tal como não preciso defender tudo que é feito em nome do socialismo, feminismo, ou mesmo da democracia. Afinal de contas, slogans são slogans, seu objetivo é arregimentar uma formação. Como as senhas, eles são mais bem encarados como sinal de perguntas comuns, não de respostas comuns, o roubo de slogans é um dos instrumentos chave das lutas ideológicas (DENNING, 2005, p. 150).

A citação acima dá uma idéia do que se pode fazer com um projeto, seja ele cultural ou não. E o que se pode fazer com um bom jogo de palavras ou frases. Usar um slogan para dar fim à um suposto “mal”, ou um início para um suposto “bem”, pode dar resultados esperados – ou não. Pensar a educação patrimonial fora de seu real objetivo,

ou tencionada para resultados capitalistas, pode ser um risco quando se procura a fala e a cumplicidade da sociedade para um projeto tão sério e grandioso.

A partir disso, a educação patrimonial já é por si só um dizer, é um significado proveniente de uma prática educativa envolvendo professor-aluno-sociedade, logo:

[...] aumenta a cada dia a distância entre o sentir e o pensar dos professores e dos alunos. Para transformar este círculo vicioso em um círculo virtuoso, penso que hoje, mais do que nunca, o professorado precisa revisar o que constituiu os fundamentos de sua prática e criar novas maneiras de conhecer e de relacionar-se com o conhecimento e com os aprendizes (2007, p. 16).

Remetendo-nos às palavras do autor, percebemos a importância de uma relação dialógica entre professor e aluno, onde possam trocar experiências obtendo a ampliação do conhecimento de ambos por meio dessa construção.

Considerar a bagagem que o aluno traz consigo é tarefa do professor, porém, não se pode considerar apenas o conhecimento que o aluno já possui. É sua função provocar este aluno, assim como é função do aluno buscar novas formas de construir conhecimento, “cada imagem, cada gesto, cada som que emerge nas formas artísticas criadas em sala de aula têm grande importância, uma vez que se referem ao universo simbólico do aluno” (IAVELBERG, 2003, p. 4). Independente da realidade vivenciada em seu cotidiano, sujeitos de todos os lugares do mundo exteriorizam muito de sua subjetividade e relações sociais por meio de diálogos e produções intelectuais. Além disso,

A educação se torna mais reflexiva à medida que os alunos se tornam conscientes de seu papel como intérpretes culturais. Outras responsabilidades, como as responsabilidades éticas e sociais, acompanham o desenvolvimento da consciência interpretante (RICHTER, 2003, p. 11).

O conhecimento talvez já não seja tão importante aos olhos dos adolescentes que julgam as coisas “novas”, “da moda”, como sendo de maior importância. Este pode ser o mal da modernidade, ou quem sabe da pós-modernidade. Sobre a constante falta de tempo vivida atualmente, Leite (2008) faz uso das palavras de Walter Benjamin para dizer que

Os velhos não narram mais aos jovens. Benjamin ironiza a falta de tempo da modernidade dizendo que “cada um de nós pode observar que uma imagem, uma escultura e principalmente um edifício são mais facilmente visíveis na fotografia que na realidade” (BENJAMIN, 1993, p. 104). A foto possibilita o retorno à imagem que o cotidiano, apressado, inviabiliza [...]. O autor

entende que a perda da experiência na modernidade promove a liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura (p. 61).

E o próprio Benjamin (1994, p. 114) completa, discorrendo sobre as ações da experiência que em um passado não tão distante era passada através das gerações, e atualmente vem se perdendo

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios, de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contada a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que contam histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?

O ANDAKATU

Poderia ser uma obra de ficção científica e “provocadora”.

Como nos diz Clarice Lispector, “transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’” (1998, p. 17).

O “Andakatu” é um personagem que, por vezes vestido com “roupas” de caçador paleolítico ou agricultor neolítico, protagoniza e conduz os participantes em variados ateliers cujos conteúdos (discurso e materiais didáticos) têm por base a transformação da paisagem, tecnologia, arte rupestre, transição da caça e recolocação para o agro-pastoralismo, transformações sociais, equilíbrio e sustentabilidade dos recursos ambientais. As actividades são um prolongamento prático de um diálogo com os visitantes que se quer dinâmico e contextualizado nas interpretações do que poderá ter sido a vivência das comunidades humanas ao longo da pré-história, mas que também pretende ser um instrumento de educação cívica (OOSTERBEEK et al, 2010).

Inventamos a escola, inventamos os direitos humanos, inventamos a própria vida. Por que não seria viável (re)inventar a Educação? Ou quem sabe poderemos reinventar nossas relações em sala de aula? Reinventar nos parece a palavra chave. Nunca se falou tanto em reinventar nosso “modo de viver”. Pois o momento atual, em âmbito ambiental, político, social, humanista, provoca-nos tal reflexão. E a escola está neste contexto. Acontece que mesmo estando no contexto, está a escola muitas das vezes perdida. Será por isso que se torna tão antipática para os alunos? Dizemos isto porque acreditamos que estes adoram ir para aquela, o problema é com a aula. Ou seja, gostam da escola como ambiente físico, o prédio, mas detestam participar das aulas. O

que estaria causando esta antipatia? Hunt nos ajuda a pensarmos sobre empatia, ela nos coloca que:

A capacidade de empatia é universal, porque está arraigada na biologia do cérebro: depende de uma capacidade de base biológica, a de compreender a subjetividade de outras pessoas e ser capaz de imaginar que suas experiências interiores são semelhantes às nossas. As crianças que sofrem de autismo, por exemplo, tem grandes dificuldades em decodificar as expressões faciais como indicadores de sentimentos e em geral enfrentam problemas para atribuir estados subjetivos a outros (HUNT, 2009, p. 39).

Percebe-se claramente que enquanto tivermos na escola professores com expressões faciais de desânimo, ou de antipatia pelo ambiente, por seus alunos, por sua profissão, de desgosto na relação professor/aluno, o único reflexo que chega até estes é o de que aquele ambiente é hostil. Insistimos na indagação: não estaria o problema na relação professor/aluno? Seria o nosso “natural medo” da mudança? Mudança de paradigma?

O uso desta expressão parece indicar mudanças paradigmáticas no campo da produção do conhecimento e das concepções filosóficas que a embasam. A palavra invenção, embora possa se referir ou enfatizar aspectos distintos de que seria fundamental na construção do conhecimento sobre o sublunar, remete este conhecimento e os objetos e sujeitos que dele participam para o plano da História, afastando-os de qualquer forma de naturalização (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 19).

Neste momento passaremos a palavra ao Projeto Andakatu.

Este, quando chega à escola, imediatamente desperta a curiosidade entre as pessoas que por perto estão. A montagem do cenário atrai olhares e cochichos entre os presentes.

Pedro Cura, pesquisador do Instituto Terra e Memória de Mação, em Portugal, precisa de um pequeno espaço, um pequeno público e pessoas que acreditem no poder fascinante do conhecimento científico. Inicialmente monta-se um pequeno cenário que vai levar e “transportar” por algumas horas os ouvintes a descobrir, através dos cinco sentidos, a grande aventura humana no desenvolvimento de técnicas de fabricação de ferramentas na pré-história.

Figura 1: Pesquisador Pedro Cura em performance no Projeto Andakatu.



Fonte: Setor de Arqueologia/ UNESCO.

Figura 2: Pedro Cura: a prática e a explanação no Andakatu.



Fonte: Setor de Arqueologia/ UNESCO.

Dinamizando entre a explanação e a prática, o pesquisador convida os ouvintes para começarmos pelo início: como tudo começou! De modo eloquente e, como já dito, “provocador” de um fascínio, principalmente entre as crianças, o Andakatu leva-nos a compreender, buscando na pré-história, nossa própria capacidade de criar e recriar. Olhando para o passado, vamos entendendo com o Andakatu a importância que tem os objetos, a cultura material, deixados por povos que viveram antes de nós. Através do Andakatu, percebemos a importância que tem a ciência, quando usada para completar/complementar/racionalizar o conhecimento técnico que surge da nossa necessidade humana de criar, de recriar, de viver melhor, com menos obstáculos.

Observando os alunos assistindo ao Andakatu em performance, por alguns minutos temos a impressão que estão dizendo: “Quando comecei a estudar diziam que a escola iria me proporcionar muitas coisas ‘diferentes’ e ‘úteis’ para a minha vida, coisas ‘inovadoras’. Ouvia que quem não sabe ler é ‘cego’; não tem nada pior do que não ter

ido à escola”. E se os alunos pensam desta forma, quantos questionamentos nos provocam: Porque achamos que as discussões devem ser levantadas em reuniões pedagógicas ou em reunião de pais, e não com os mais interessados? Quantos questionamentos nos proporcionam uma aula problematizada? Será que temos forças para tantas indagações? Se inovarmos, seremos simpáticos? Ficamos com a impressão que a escola não traz nada de inovador. Os alunos pedindo para que ao menos uma vez nós tenhamos coragem e falemos a verdade, ao invés de ficarmos dizendo uma coisa e fazendo outra. Nosso fracasso aparece na fala dos alunos quando não admitimos que muitas vezes não sabemos o que estamos fazendo, ou melhor, não conseguimos unir nossas teorias com nossas práticas.

Que espelho assustador encarar um aluno... Estaríamos nós encarando a nós mesmos numa outra época? Ficaremos assim, antipáticos, e sem coragem de reinventar? Por que não inventar outra relação com nossos alunos? O Projeto Andakatu consegue. Veja bem, não estamos dizendo que os problemas da educação estarão resolvidos fazendo todas as aulas como o Andakatu. Apenas acreditamos que o Andakatu dá-nos uma pista quanto à motivação, à inovação...

Continuamos com o Andakatu, mas antes: é do conhecimento de todos que

o currículo tradicional é o mais utilizado e suas características são conhecidas: organização do conhecimento por disciplinas compartimentalizadas, caráter livresco e verbalista, ensino meramente transmissivo, centrado no professor e na matéria, escola como responsável pelo ajustamento social dos alunos sem preocupação com uma visão crítica da sociedade. O papel do aluno, na maior parte das correntes pedagógicas tradicionais, é o de armazenador de informações (LIBÂNEO, 2008, p. 174).

Dentro desta definição de currículo tradicional e tendo em mente a provocação que o Andakatu proporciona, percebe-se, na apresentação do projeto, quão grande é o poder de “ensinar” e aprender que alcança a performance. Novamente, para quem observa o Andakatu, imagina-se o aluno dizendo, “quase todos os assuntos discutidos em sala de aula pelos professores são encontrados em vários livros diferentes, de formas às vezes diferentes. E o que mais chama a atenção, é como são poucos os professores que trazem para as aulas uma maneira diferenciada de abordar aquelas mesmas matérias. Ou, ao menos duas maneiras distintas.” Cremos que o conteúdo seria muito mais atraente e muito mais completo caso o professor ampliasse seu olhar e o seu modo de expor os assuntos em sala de aula. Não precisaria muito, pois existem alguns que

conseguem, com muita categoria e simplicidade, dar uma motivada na galera, em relação ao conteúdo estudado, mostrando o mesmo assunto em outros livros ou de outras maneiras.

É isto que faz o Andakatu!

Acreditamos que não estamos aqui para dar respostas. Estamos aqui é para fazer perguntas, pois isto é o motor da ciência: trocar ideias e aperfeiçoarmos as que temos. Com certeza vários dos professores já ouviram os alunos perguntarem: qual a importância desta matéria? O Andakatu também se fez esta pergunta. Como ensinar a pensar a pré-história? Ou, como levar o resultado das pesquisas arqueológicas sobre a pré-história até os alunos da maneira mais atraente possível? Como provocar nas pessoas, e não só nos alunos, aquilo que chamamos de consciência patrimonial, ou Educação Patrimonial? Assim, o Andakatu chama o aluno ao encontro do conhecimento.

Temos também a impressão que há certa revolta contra qualquer tipo de conteúdo estudado na escola. Temos algumas pistas que podem nos ajudar a pensar sobre o problema. Vejamos o que diz o texto “Estimulando a curiosidade”, de Stephen Kanitz, publicado na Revista Veja (2003, p. 20), que fala sobre um professor de Física, estadunidense, que veio ao Brasil dar palestras e foi indagado sobre a educação do seu país. O palestrante faz uma comparação entre um livro didático de Física dos Estados Unidos e um livro didático de Física brasileiro. Disse ele que: “o livro didático brasileiro não anima o aluno a virar a primeira página”. Para provar o que está dizendo, o mesmo dá o seguinte exemplo: “um conteúdo de Física aparece no livro brasileiro da seguinte maneira: ‘triboluminescência’ é uma propriedade da física que faz com que algumas substâncias, quando colocadas em atrito, emitem um feixe de luz azul”. Já o livro didático de seu país diz o seguinte: “se você pegar um torrão de açúcar e colocar na sua geladeira à tarde e tirá-lo à noite e quebrá-lo com um alicate, ele vai emitir um feixe de luz azul, ou seja, isto é ‘triboluminescência’”. Percebe-se que o conteúdo do segundo livro ficou muito mais atraente e dinâmico. Desperta a curiosidade do aluno. E por aqui? Como buscar uma boa relação professor/aluno, se a relação entre professor/sua matéria e aluno/matéria não é uma relação empolgante?

O Projeto Andakatu é muito requisitado em várias escolas de Portugal, país onde foi criado. No entanto, Pedro Cura leva a performance a várias partes da Europa e do

Mundo. As escolas solicitam o projeto para as séries que estão estudando a pré-história, mas também para a didática das ciências e das artes. O Andakatu é hoje um instrumento central no programa de formação para a gestão integrada do território, que o ITM tem desenvolvido na Europa e também no Brasil, com parcerias de Universidades daqui. De forma interativa, os alunos vão se envolvendo na história e nas técnicas pré-históricas de produção que contribuíram para nossa sobrevivência e nossa evolução na forma de produzir utensílios básicos ao cotidiano pré-histórico. Os curiosos jovens querem mesmo é tocar nos objetos, querem mesmo é colocar a mão na massa, e o investigador Pedro não só deixa como incentiva. Chama-os para participarem das experiências usando todos os seus sentidos: tocando, cheirando, ouvindo, vendo... E assim as crianças e os expectadores deixam-se levar pelo fascínio da ciência experimental. Este caminho permite ligar o conhecimento das tecnologias do passado à ciência do presente e do futuro através da criatividade artística. É por isso um instrumento que parte de uma visão holística da realidade e a introduz de forma pragmática no ensino e na formação para a cidadania. E é por este caminho que o Andakatu ajuda a promover uma visão integrada da realidade que nos circunda, é o que muitas vezes nos falta na hora de se tomar decisões de gestão territorial.

No entanto sabe-se que fazer Educação e ter a coragem de avaliar sua própria prática não é, e acreditamos que não será nunca, algo tão simples. Não só professores, mas todo profissional que se preze sabe muito bem que a autoavaliação é uma prática sofrida, cheia de desafios e esperanças. Será que nós, professores, temos medo de uma escola de qualidade? Quem, em sã consciência, teria medo de melhorar a sua vida e viver mais seguro? Qual o professor que faz jus a sua profissão teria medo de uma escola de qualidade? Quem de nós não gostaria de ter uma relação professor/aluno/conteúdo sadia e produtiva?

Aprendemos com o Andakatu que é possível não termos medo de sermos melhores. Sabemos também que muitos professores buscam de várias maneiras uma melhor forma de trabalharem os conteúdos em suas aulas, sentindo na pele o descaso de algum governante cara-de-pau em época de eleição. Buscam, muitas vezes sem sucesso, ou solitários, trazer os pais para o compromisso que a família tem na educação. Querem a todo custo ser o espelho onde o aluno possa buscar uma imagem de futuro, de esperança.

Vendo o Andakatu ficamos com a esperança de que tudo pode ser mudado, transformado. Quando se sabe o que se quer, e como fazer, e quando se tem a humildade e o gosto de aprender, o Andakatu ensina e convida os alunos a partilhar seus próprios conhecimentos, e nesta troca o aluno ganha mais respeito e entusiasmo pela aprendizagem. É certo que há outros projetos semelhantes ao Andakatu pelo mundo, com certeza ótimas ideias devem vibrar pelo mundo afora; o Andakatu é mais uma ferramenta intelectual e prática, que pode muito ajudar-nos a compreender e desenvolver nossa consciência patrimonial. Acreditamos que é isso que precisamos entre os educadores: pessoas corajosas, determinadas e idealistas lutando por um mundo melhor. E melhor para todos. Que tal começarmos pela educação patrimonial, seguindo o exemplo do Projeto Andakatu?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DENNING, Michel. **A cultura na era dos três mundos.** Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Francis, 2005.

FERRAZ, M. H. C; FUSARI, M. F. de R. de T. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Metodologia do Ensino da Arte.** 4. reimp. São Paulo: Cortez, 1999.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Artes: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

_____. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1993. Coleção magisterio – 2º grau. Série formação do professor.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAAR, W. L. A Indústria (Des)educa(na)cional: Um ensaio de aplicação da Teoria Crítica ao Brasil. In: PUCCI, Bruno (org). **Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994. (Coleção Ciências Sociais da Educação).

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

OOSTERBEEK, L. M., QUAGLIUOLO, SANTANDER, B. **ARKEOS: perspectivas em diálogos**, nº 26. Volume editado em colaboração com o Museu de Arte Pré-História de Mação (Câmara de Mação). Portugal. 2010.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

_____. Rumo a uma Concepção Holística de Formação Docente. In: **Expressão** Vol. 1, Nº 1, Jan/jun 2004, p.120-124.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 38. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, vol. 5).

STEPHEN, Kanitz. **Estimulando a Curiosidade**. Publicado na Revista Veja, Editora Abril, edição 1826, ano 36, nº 43, 29 de outubro de 2003, página 20.